

## PREÂMBULO

### A ÁRDUA ASCESE

Segundo o filósofo francês Luc Ferry em seus livros “Aprender a viver” e “A revolução do amor” - apesar de todas as opiniões em contrário e das graves anomalias em que vive a humanidade - estamos vivenciando um momento ímpar, um processo de refundação do outro pela prática da solidariedade, da cooperação mútua, de valores que alimentam uma nova visão do mundo, colocando, assim, a fraternidade no patamar e centro das preocupações sociais hodiernas.

A formatação de um novo homem, de uma nova sociedade em que preconceitos, sectarismos, prepotências sejam/serão extirpados. A deflagração de uma verdadeira revolução no imo de cada criatura, mediante o exercício da solidariedade, da comunhão, paz, mutualidade. O rompimento de barreiras sectárias, o apagar labaredas corrosivas de partidarismos, o debelar, por todas as formas, as chamas do obscurantismo e fanatismo intoxicantes que vicejam, há séculos, no seio da humanidade violada, traumatizada.

Edificamos, a cada momento, com nossas ações, palavras, pensamentos o nosso destino. Aprendizado pro tempore, processo pedagógico de milenar curso. Tudo o que ocorre, ainda que não o entendamos, tem um papel, uma missão, uma função a nível da natureza e do universo, os quais, por sua vez, em sua harmoniosa trajetória, magnificente evolução entoam hosanas ao Senhor.

Intolerâncias, equívocos tornam-se geralmente a “causa causarum” de mais dores, de mais desastres pessoais, existenciais, espirituais e coletivos. E para ressarcirmos débitos, avarias, frutos de desvarios, havemos de recompor-los, transmuta-los na forja do trabalho, na prece, vigilância, autoconhecimento, renúncia, no enriquecimento de nossas vidas através do legado do amor, da bondade, do apostolado, da abnegação e por vezes sob o terapêutico resgate, vergastas da dor. Algemas que são rompidas, vestes que são lavadas, pela dedicação ao próximo, pelo exercício do amor, despojados, anônimos serviços à coletividade!

A recomposição de elos quebrados por nossas invigilâncias, por nossas defecções; a Fênix que soergue dentre as ruínas fumegantes do tempo! Rememorando que a sombra, com seus turbilhões, se esconde em nós mesmos e temos todos, indistintamente, antídotos preciosos para nos opor a ela, aos seus ardilosos convivas. A forja da dor que nos purifica é a mesma que nos prepara para o amor. Deus é Justiça Impoluta, é Ele o Amor Infinito que vê-nos a essência até o fundo, penetra-nos além da superfície, acima de todas as formas, normas, convenções. Seu Reino - que subjaz oculto, reluzente dentro de nós, esplende em fulgores e louvores por todo o infinito - nos foi destinado como herança, em eterna jornada. Imperscrutáveis os seus Desígnios! Ele confunde os poderosos, escreve majestosas, generosas lições no livro da natureza e do Cosmos, exhibe-nos seus tesouros imortalizados na fé, na vida, no amor, pois, perante Ele, somos, em humanidade, uma só família, um só rebanho do qual não se perderá uma só ovelha! (Mt 18:14).

Atenção redobrada para os tropeços, as críticas que nos são dirigidas e as quais, na prática, são advertências, são alertas para que não caiamos, não sucumbamos às energias ainda deletéricas e primitivas do meio onde atuamos, por nós mesmos imprudente, impudentemente agasalhadas!

Acesse o Boletim online no site [www.credivertentes.com.br](http://www.credivertentes.com.br)

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### ESTERCO – QUESTÃO DE TEMPO...

**José Gaudêncio Caputo** – ou Zé Catarina, como muitos o designavam – era uma pessoa inteligente, arguta, vivaz, todavia de índole questionadora, indócil. Tendo, desde jovem, vivido e trabalhado anos em grandes cidades do País, pelas décadas de 1960 a 1970, na condição de migrante assalariado, ali tivera contato com grupos operários e sindicais, além de estudioso, amigo da leitura, convivência com viajantes, turistas, pessoas de vários níveis sociais, adquirindo notória ojeriza ao sistema capitalista acumulativo, predador, extrativista, explorador da mão de obra e ao desumano modo de vida das metrópoles – violência, desemprego, corrupção, insegurança, insalubridade, transportes públicos em péssimas condições.

Retornando à terra natal, vivia à sua maneira: solitário, descompromissado, rebelde, itinerante, daí algumas estroinices, quês e porquês de tragicidade que o conduziram a uma morte prematura.

Seu irmão Luis Gonzaga (“Borracha”), dono de um caminhão Ford F 350, fora, certa vez, a Belo Horizonte, buscar uma carga. Na ida, espaço praticamente vazio, levava na carroceria, devidamente enlonada, alguns sacos de esterco para o quintal de sua irmã Carminha, residente em Contagem. Mês chuvoso, caía, naquele momento, grosso temporal. Eis o caminhão parado no Posto da Polícia Rodoviária na Rodovia Fernão Dias. Uma blitz de rotina. Documentos apresentados, o guarda pergunta:

- É na carroceria, o que tem lá?!

- Esterco, responde Luís.

Eis que a lona se abre abruptamente, surgindo a figura bizarra do Zé Catarina, que viajava de carona em meio à sacaria (iria ficar uns dias na casa da irmã) e esclarece:

- Esterco ainda vou virar, mas por enquanto ainda sou gente...

O próprio guarda, até então carrancudo, de postura rígida, não se conteve, ante o quadro. Riu à larga, liberando o veículo, sem mais delongas.

**ZÉ E O JOGADOR TOSTÃO** – Residindo e trabalhando, certa época, em Belo Horizonte, “Zé Catarina” teve - assim contava e se exultava com o fato - um entrevero com o jogador Tostão, logo após a conquista por nossa seleção do Campeonato Mundial em 1970. Tostão, além de excepcional atleta e médico, era empresário de peso, aplicando seus gordos salários em investimentos na Capital mineira, em especial postos de combustíveis e imóveis.

Certa manhã, Zé Catarina, que trabalhava como porteiro em um prédio na área central da capital, e achava-se a serviço, viu quando parou um caminhão de mudança nas proximidades. Zé notou ali a presença do famoso jogador, que passou a dar ordens aos funcionários do edifício, para ajudar no transporte de móveis e eletrodomésticos. Como estava procedendo a limpeza do hall, além de não ser função sua ajudar em serviços de terceiros, Zé prosseguiu o trabalho de rotina, no que foi interpelado, energicamente e com destemperedos por Tostão.

Zé não se fez de rogado. Partiu para cima da celebridade: - Não sou seu empregado. Só porque é bom jogador e ficou famoso, você não tem direito de dar ordens e muito menos de ser agressivo com terceiros que sequer o conhecem e nem lhe devem obediência. Um quiproquó daqueles, que chamou a atenção de todos...



# ADIVINHAS

1. O que é uma escola?
2. Por que o bombeiro não anda?
3. Por que a cobra quer virar escova?
4. Qual é a carne preferida dos gatos.

Respostas: 1- É uma cola que não gruda mais, uma ex-cola; 2- porque ele socorre; 3- porque ela cansou de ser pente; 4- filé mian.

## Provérbios e Adágios

- Um olho no peixe, outro no gato
- Deus tem mais para dar do que o diabo para tirar
- O seguro morreu de velho
- O preguiçoso trabalha dobrado

### Para refletir:

• SOMOS SIMULTANEAMENTE SERES DE ABERTURA. NINGUÉM SEGURA OS PENSAMENTOS, NINGUÉM AMARRA AS EMOÇÕES. ELAS PODEM NOS LEVAR LONGE NO UNIVERSO. PODEM ESTAR NA PESSOA AMADA, PODEM ESTAR NO CORAÇÃO DE DEUS. ROMPEMOS TUDO, NINGUÉM NOS APRISIONA. MESMO QUE OS ESCRAVOS SEJAM MANTIDOS NOS CALABOUÇOS E OBRIGADOS A CANTAR HINOS À LIBERDADE, SÃO LIVRES, PORQUE SEMPRE NASCERAM LIVRES E SUA ESSÊNCIA ESTÁ NA LIBERDADE. (Leonardo Boff – Do Livro “Tempo de Transcendência”, Ed. Sextante, pp. 27/28)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Patrícia Dayany Carvalho



## Ano novo dá posse à Administração Municipal 2017-2020

A nova administração de São Tiago tomou posse dia 1º de janeiro deste ano. No poder Executivo, o prefeito Denilson Reis e o vice, Marino Assunção Coelho, assumiram o mandato que se estende até o final de 2020.

Durante a cerimônia de posse, o prefeito Denilson enfatizou a importância da comunidade na administração. "O protagonismo do desenvolvimento não é só do chefe do executivo, essa é uma centralização equivocada. O modelo democrático de gestão pública requer a participação da sociedade", destacou.



O Poder Legislativo, composto por nove vereadores, também foi empossado dia 1º. A nova composição da Câmara é formada pelo presidente, Vanderlei Cardoso, e pelos parlamentares Geetânia de Resende Costa, Guaraci Viera, João Bosco de Resende, João Gaudêncio de Almeida, José Augusto Ferreira, José Raimundo de Castro, Raimundo Rogério de Abreu e Rand Vieira.

## COLETORIAS FEDERAIS

O Ministério da Fazenda manteve, no passado, repartições em grande número de municípios brasileiros (na verdade, eram 2.124 em 1964) para fins principalmente arrecadatórios. Eram as chamadas exatorias ou coletorias federais e que por serem consideradas deficitárias, levaram as autoridades fazendárias à sua desativação em muitas localidades. Tinham as coletorias federais, dentro de sua área de jurisdição, a função de controlar, arrecadar e contabilizar as rendas internas pertencentes à União, bem como efetuar pagamentos devidamente autorizados (Lei nº 1239/50). Tinha a União consideráveis despesas de custeio, vencimentos de pessoal, aluguéis, equipamentos, material de consumo etc. A arrecadação dos tributos passou a ser processada e mobilizada, via bancos, através da vasta rede de agências de bancos oficiais e privados espalhadas pelo País.

A desativação dessas unidades tinha/teve o objetivo ainda, segundo as autoridades da época, de simplificar e ampliar os sistemas legais de arrecadação de tributos, podendo o contribuinte utilizar-se, livremente, de agências bancárias de seu interesse ou preferência.

Em São Tiago, a Coletoria Federal funcionaria, sob a gestão do sr. Mauricio Jefferson Pinto, por algum tempo, instalada em 21/02/1957 até 11/11/1966, data em que foi desativada.

A Coletoria Estadual foi instalada oficialmente a 23/05/1949, tendo como Coletor o sr. Francisco Fernandes Pitangui e como escrivão o sr. Ulisses Alves de Faria. Funcionaria até 1973 quando foi desativada e alguns de seus serviços, mediante convênio, passaram à responsabilidade municipal (SIAT).

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# Maria José Fonseca

Nasceu aos 18/04/1919 em São João del Rei, onde fez o curso primário, ginásial e normal no Colégio Nossa Senhora das Dores.

Logo que se formou, veio para São Tiago em 1937 lecionar no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”.

Trazida por Dr. Augusto das Chagas Viegas, advogado, político e São Tiaguense este a apresentou à Diretora D. Nanzinha que muito bem a recebeu, entregando-lhe sua primeira turma, como substituta.

Contava que foi recebida com ... almoço na Botica, residência do Capitão João Pereira – recentemente demolida.

Gostava de contar que sua mãe, D. Maria Leopoldina, só a deixou vir trabalhar em São Tiago devido ao compromisso do Dr. Augusto Viegas e Pereirinha de colocá-la para morar em casa de pessoa muito correta e religiosa.

Foi então levada para residir em casa de D. Nanhá Gabet, que naquela época residia sozinha (após a trágica morte de seus filhos e marido) no final da Rua chamada “Beco Grande”, na praça hoje denominada Vereador Edilson Barbosa, onde residiu o Sr. Brás.

Descrescia que a rua era irregular, cheia de buracos, pedras, altos e baixos e muitas árvores. A casa humilde sem instalação Sanitária possuía, nem chuveiro o que a fez estranhar muito devido ao conforto que tinha em São João del Rei. D. Nanhá era séria e enérgica na vigilância de moça que lhe fora entregue por Dr. Augusto Viegas e Pereirinha. E as rezas? Tinha que acompanhar D. Nanhá em novenas, missas, terços etc. Dizia que com ela aprendeu muito.

Depois de alguns anos, passou a residir na pensão de D. Sinhá do Carlito, na rua Francisco de Paula Lara.

Por fim, na mesma rua criaram uma república: Ela, D. Ilza Rosa, Maurício, Sr. Pacheco, a mãe da D. Ilza ali residiu até sua aposentadoria em agosto de 1962. Após sua aposentadoria retornou a São João del Rei, onde viveu ao lado de sua mãe e irmã (já falecidas).



Ainda teve dinamismo para trabalhar como professora no Colégio São João. Foi também coordenadora do MOBRAL e finalmente, exerceu a função de Bibliotecária na Biblioteca Pública Municipal de São João del Rei.

Pessoa de vasta cultura e fino trato sempre foi reverenciada pelos que a cercavam quer no trabalho, quer na vida sócio religiosa.

Em São João del Rei, como em São Tiago muito contribuiu para as atividades religiosas. Em São Tiago na Pia União das Filhas de Maria. Em São João na Ordem Terceira do Carmo, onde ocupou cargo de destaque na mesa administrativa.

Faleceu em 02/10/2016 em São Tiago e foi sepultada em São João del Rei, no cemitério do Carmo.

#### Observações:

- 1) D. Maria José Fonseca foi quem redigiu a Ata de Instalação do Município de São Tiago em 1º/01/1949;
- 2) Foi uma das fundadoras do Ginásio Santiaguense, sendo escolhida sua primeira secretária e uma das primeiras professoras;
- 3) Foi presidente da Pia União das Filhas de Maria em São Tiago durante muitos anos;
- 4) Obstinação pela leitura, o que foi seu melhor lazer, não tinha ideia de quantas centenas de livros teria lido.

Cairu, dezembro de 2016.

## À aquela que tanto amamos

No dia 29 de outubro passado, Nivalda e eu festejamos os 64 anos de nossa abençoada e profícua união pelo sagrado ato do matrimônio. Mais de três gerações se passaram e hoje, 12 de novembro, aqui estamos para prestar-lhe uma justa e merecida homenagem, Nivalda e parabenizá-la pelos seus 84 anos (oitenta e quatro anos) de vida, dos quais, na totalidade, foram dedicados à nossa família, numa demonstração de amor e carinho, trazendo alegria, paz e conforto para o nosso lar.

Parabéns, minha companheira de tantos anos! Apesar de estarmos, já, sentindo o efeito implacável da lei natural que vem exaurindo nossas energias, em consequência da nossa idade avançada, este é o momento de avaliarmos os benefícios colhidos ao longo de nossa caminhada e a graça que juntos, recebemos de Deus, cujo testemunho está sempre presente na pessoa de cada um de nossos filhos que tanto nos amam, nos protegem e nos assistem devotamente.

O dever cumprido nos conforta, minha querida e a nobre missão que Deus nos confiou, deverá prosseguir, com nossas bênçãos, para nossos entes queridos que tanto amamos!

Parabéns mais uma vez, Nivalda, pelo aniversário!

Obrigada pela grande companheira de tantos anos, e que tanta felicidade trouxe para minha vida!

Salve! 12 de novembro de 2016.

Antônio Ribeiro Jackson





A educação, em nosso País, sempre enfrentou sérias dificuldades quanto à sua democratização, universalização e como inquestionável direito social e institucional. As elites quase sempre se opuseram à sua expansão, ao lado do desinteresse e omissão dos governantes e a apatia de larga parte da sociedade. Uma luta de séculos por uma educação pública de qualidade, algo ainda longe de ocorrer. Entre nós, não poderia ser diferente.

Ao que se sabe, São Tiago não contou especificamente com atuação oficial na área de educação (instrução primária) no passado, até fins do séc. XIX e inícios (1ª década) do séc. XX, salvo alguns subsídios a mestres contratados. Não há registro de escolas régias primárias ou similares vinculadas ao Poder Público. A comunidade era, assim, assistida – e ainda assim, de forma incipiente – por escolas ou educadores particulares, com eventual apoio da paróquia e alguns cidadãos mais conscientizados. Muitas dessas unidades (aulas públicas de instrução primária) eram ministradas na própria residência do(a) professor(a) ou em locais cedidos por algum cidadão ou pelas autoridades distritais. São lembrados os nomes de abnegados mestres como D<sup>a</sup> Ana Virginia de Andrade (Dona Sinhá) e seu marido o também professor João Batista Ferreira que aqui mantiveram cadeiras de instrução primária, em regime de internato e externato, para ambos os sexos e ainda os proeminentes mestres Guilherme Alves de Andrade, Josino Alves da Silva Rodarte, João Severino Ribeiro, Galiano Emiliano das Neves, Maria das Dores de Siqueira Lara. Outros educadores, igualmente, atuaram na honrosa missão de ministrar o ensino básico às novas gerações, através de salas de aula ou escolas primárias aqui instaladas, merecendo destaque D<sup>a</sup> Ana Teodora da Silveira Alves, Maria José Barreto de Andrade, Eugênia Vieira de Sousa, Carmelita Sirota, Hormandina Lara e Silva (1), Marieta Bontempo etc. (Fonte: Augusto das Chagas Viegas – “Notícia Histórica do Município de São Tiago” pp. 61/62)

Eram, na verdade, tempos de extrema rigidez disciplinar – eis o que se ouve dizer – mestres carrancudos, alguns despóticos, sem interação afetiva, social, psicológica, pedagógica com as crianças, ali expostas ao estudo forçado, por vezes ininteligível, normas espartanas de comportamento, regime de castigos físicos na base da palmatória, da baga de milho, humilhações de toda sorte. Via de regra, não havia atividades físicas ou recreativas adequadas e para muitos alunos, a escola tornar-se-ia uma espaço de terror, num cenário regido por fantasmas e ogros repressores.

Sabe-se que o número de alunos matriculados era geralmente pequeno, 10 a 20 por turma ou mesmo turno. As preocupações ou fins educacionais, então, eram a alfabetização (saber ler, escrever, fazer as quatro operações, além de conhecimentos gerais). Havia, obviamente, os alunos relapsos, desinteressados, mesmo rebeldes ao ensino e à disciplina, passíveis de reprimendas e mesmo castigos corporais.

A inexistência de escolas públicas ou mesmo escolas particulares regulares levaria, dentre outros motivos, inúmeras famílias locais a mudarem-se de São Tiago (como os Viegas, Ferreira de Carvalho, Navarro, Andrade Reis, Oliveira, Pompeu de Campos, Melo, Ribeiro de Resende etc) ou encaminharem seus filhos a outras cidades e mesmo

capitais, objetivando seus estudos, então assistidas com bons educandários como Mariana, São João Del-Rei, Oliveira, Bom Sucesso, Ouro Preto, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Itapeçerica. (2) O(a)s jovens que estudavam em outras cidades tinham que se deslocar a cavalo, em trens, pernoitando em fazendas e povoações, ao longo do caminho, no intuito de chegar ao penoso destino (3).

Na primeira década do séc. XX, seguramente por volta de 1909 ou mesmo antes, funcionava na sede do arraial uma escola, o “Colégio São José”, em regime de internato e externato, sob a direção do prof. João Francisco de Chantal, coadjuvado por sua esposa a normalista Maria Libânia da Silva (4) O “Anuário de Minas” 3º ano, 1909, pág. 274 – Nelson de Sena – “Anuário Chorographico est. Histórico do Estado de Minas Gerais” trazia o seguinte anúncio: “Fundado pelo normalista Sr. João Francisco de Chantal, auxiliado no ensino por sua esposa, também professora diplomada, existia então no arraial, o Colégio São José, dividido em internato e externato. ‘Neste Instituto de ensino primário e secundário, lecionam-se as seguintes matérias: leitura, caligrafia, português, aritmética, álgebra, geografia, história pátria, desenho linear, noções de geometria, música, francês etc.’ (Pesquisa/referência – Prof. Antonio Gaio Sobrinho, a quem, uma vez, agradecemos)

Uma escola de sexo feminino do distrito de São Tiago foi instalada em 1911, regida pela prof<sup>a</sup> Maria José Barreto de Andrade, tendo como inspetor escolar distrital o sr. José Mateus Barreto; já em 1913 era inspetor o sr. Antonio Morel de Campos Lara, tendo como prof<sup>a</sup> interina a srta. Hormandina Lara e Mello (Arquivos da Escola Estadual “Afonso Pena Júnior”)

Uma escola mista surgiria em 1922, sob a direção da renomada normalista Maria José Lara (D<sup>a</sup> Santinha) graduada em 1919 pelo conceituado Colégio Nossa Senhora das Dores, de São João Del-Rei. Várias outras professoras locais ou oriundas de outras plagas, via de regra licenciadas igualmente pelo Colégio Nossa Senhora das Dores (5), aqui serviram abnegada e extemporaneamente, até que em 1927, com a instalação do Grupo Escolar “Afonso Pena Junior”, a educação local viria a ser efetivamente encampada pelo Estado.

Os conteúdos, então, aplicados, constavam, via de regra, de língua pátria (português), aritmética, ciências, história do Brasil, geografia, moral e cívica, ginástica, religião, desenhos cartográficos e geométricos, canto, atividades manuais (crochê, costura etc). Aos domingos, nos internatos, as atividades eram precipuamente religiosas. As aulas eram ministradas, as crianças sentadas, geralmente, em bancos de madeira, em torno a uma mesa grande também de madeira maciça, material didático precário: lousa de pedra, ábaco, lápis, giz, papel, algum livro didático, cadernos, caneta tinteiro (pena), durando, em torno de 4 horas por turno.

Esclareça-se que um relativo número de pais tinha interesse na formação e educação de seus filhos e até mesmo de crianças vizinhas, filho(a)s de agregados (no caso de fazendas). Uma preocupação ampliada após o golpe da Proclamação da República, liderado por positivistas, e cujo lema, quiçá um dos argumentos dos golpistas, focava a educação e o letramento dos cidadãos, dentro do dístico “ordem e progresso”

# O GRUPO ESCOLAR 'AFONSO PENA JUNIOR'

Várias foram as tentativas populares objetivando a implantação de uma escola pública, em nosso meio, ativadas principalmente no início do séc. XX, tendo à frente expressivas personalidades como o Cap. João Pereira Santiago, os irmãos Dr. Augusto e Dr. Antonio das Chagas Viegas, Pe. José Duque de Siqueira, José Gaudêncio Júnior ("Juca Gaudêncio"), dentre tantas.

Assim foi constituída em 25/12/1916, uma comissão organizadora, contando com relevantes membros da comunidade, sob coordenação/presidência do Cap. João Pereira Santiago, voltada em especial para as obras de construção do prédio. Os demais membros da comissão eram: Vice-presidente – José Gaudêncio Junior; Tesoureiro - Job Altivo da Mata; Secretário – Galiano Neves Sobrinho (este, posteriormente, substituído pelo sr. Francisco Avelino Santiago); Demais membros conselheiros: Francisco de Paula Lara, José Simões de Melo, Antonio Morel de Campos Lara, os quais levaram a termo o projeto de construção até 1922, ano em que o Governo do Estado o recebeu, já em processo praticamente de acabamento.

Há que se enfatizar, igualmente, o inolvidável apoio – assim registra a oralidade, bem como apontamentos da época - de vários membros da família Matta à implantação da educação pública e construção do prédio do grupo escolar (6), avultando-se, dentre tantos nomes, os de José Pedro da Matta Júnior, Joaquim da Matta Sobrinho, Job Altivo da Matta, no esforço de se dotar São Tiago, então distrito de Bom Sucesso, de um educandário público. A "Casa das Laranjeiras", de propriedade de D<sup>a</sup> Balbina Lina da Matta (1853-14/03/1834), na praça da Matriz, recepcionou algumas das reuniões da Comissão (7); outras reuniões foram realizadas em residência do presidente da Comissão Organizadora, Cap. João Pereira Santiago.

A referida Comissão houve por adquirir – reunião de 01/01/1917 - um imóvel de propriedade do sr. Flávio Augusto da Silva, na praça principal, no valor de 600\$000 (seiscentos mil réis), angariando-se os recursos junto à população. Já em reunião de 11/03/1917, na casa do presidente, definiu-se pelo lançamento da pedra fundamental do grupo escolar no dia 19 daquele mês. Decidiu-se ainda por iniciar as obras de erguimento do prédio "até o ponto das telhas" e com pedido de solicitação de ajuda ao Secretário do Interior do Estado de Minas para a conclusão da obra.

Em reunião de 05/08/1917, o presidente prestou contas das obras, constatando-se um débito de 3:477\$475 (três contos, quatrocentos e setenta e sete mil, quatrocentos e setenta e cinco réis), quantia que foi rateada entre os presentes, mediante empréstimo com juros de 6% a/a. Em reunião do dia 09/10/1917, o jornal oficial "Minas Gerais" publicava o decreto nº 4883, criando um grupo escolar em São Tiago. A obra só seria inteiramente concluída em fins de 1926, sendo o educandário instalado no dia 10/02/1927, passando assim a atender, desde então, a educação oficial em nosso meio. (Fonte básica: Raissa Sula de Paula Reis - "A história educacional no município de São Tiago no período de 1899 a 1927" UFSJ, 2015 e Arquivos da Escola Estadual "Afonso Pena Júnior")

O jornal são-joanense "A Tribuna", de 20/02/1927 informava, em matéria enviada pelo seu correspondente: "São Tiago – Realizou-se a 10 do corrente mês, com grande concurso de pessoas daqui e de lugares vizinhos, uma dos mais nobres e ardentes desejos do povo deste distrito – a inauguração do Grupo Escolar.

Tocou a alvorá a "Lyra Santa Cecilia" e, após a missa, foi processionalmente conduzida da igreja do Rosário para o Grupo a imagem de Cristo, ali entronizada na sala de honra. Seguiu-se a inauguração oficial da nova casa de ensino, tendo orado, durante o ato, os senhores Dantas Resende, inspetor escolar; Dr. Octávio Leal Pacheco, presidente do diretório distrital; Dr. Fernando Behring, juiz de direito da Comarca; e padre José Duque de Siqueira, vigário da Freguesia. Ao hastear-se a bandeira, falou a professora Maria José de Almeida. Todas essas solenidades foram abrilhantadas pelas lyras "Santiaguense" e "Santa Cecilia". Às 16 horas, procedeu-se ao lançamento da pedra fundamental da Santa Casa, servindo de paraninfo os srs. Coronel Antonio Carlos de Carvalho, Dr. Manoel Esteves dos Santos, Capitão João Pereira Santiago, Job Altivo da Matta e José Wanderley Lara. Fizeram-se ouvir, nesse ato, os Srs. Drs. Esteves dos Santos, José Gaudêncio Neto e Henrique Santia-

go. À tarde, depois da retreta pela Lyra Santiaguense, o povo precedido pela Lyra Santa Cecilia, conduziu o Coronel Antonio Carlos de Carvalho até o Theatro, onde o Sr. Pacheco lhe ofereceu aquela manifestação de apreço e o espetáculo a exhibir-se, respondendo o homenageado em agradecimento aos laboriosos e progressistas santiaguenses.

O baile que se seguiu foi oferecido ao Coronel Antonio Carlos de Carvalho, major Joaquim Gonçalves (presidente da Câmara de Bom Sucesso) e demais companheiros em nome do povo de S. Tiago pelo professor João Severino Ribeiro, a quem respondeu o advogado José Mesquita, que terminou saudando o belo sexo santiaguense. Falou, por fim, o sr. Pacheco, que agradeceu a presença dos dignos hóspedes e o concurso das excelentes orquestras das lyras Santiaguense e Santa Cecilia. As festas do dia 10 do fluente deixaram aqui inolvidável impressão" (Pesquisa/referência – Prof. Antonio Gaio Sobrinho, a quem renovamos nosso pleito e agradecimentos)

## NOTAS

(1) Carlos Silva em sua obra de memórias "As Três Mortas" informa sobre a prof<sup>a</sup> Herondina de Mello, que viria a ser sua esposa: "Nos meados do ano de mil, novecentos e treze, eras, entretanto, nomeada para reger a cadeira do sexo feminino em S. Tiago, vacante pela professora "Luizinha" Andrade, que fora transferida para a cidade de Candeias, do nosso Estado. De tua posse, só vim a ter conhecimento dias depois, tendo sido o momento muito concorrido e o teu nome bastante aclamado, segundo notícias que me chegaram. (...) Como professora, ali te demoraste alguns meses apenas com grande prejuízo do ensino local, pela escassez de candidatas" (op. cit. pp. 52/53)

(2) A fim de educar seus filhos, ante a inexistência de escola de instrução pública e mesmo particulares regulares na localidade, inúmeras famílias optaram, desde o séc. XIX, por mudar-se para outras cidades (a exemplo dos Viegas, Navarro, Mello, Ferreira de Carvalho, Andrade Reis, Vargas, Ribeiro de Resende, Ferreira de Resende, Reis, Santiago etc.) ou ainda encaminharem os filhos para cidades onde existiam educandários que atendessem as necessidades educacionais e profissionais de seus dependentes, como São João Del-Rei, Ouro Preto, Oliveira, Juiz de Fora, Lavras, Mariana, Bom Sucesso, Tiradentes, Itapeverica e ainda capitais como Belo Horizonte e Rio de Janeiro etc. Até mesmo a cidade vizinha de Conceição da Barra recepcionou vários jovens de nosso meio, dentre eles os irmãos médicos Dr. José e João Gaudêncio, que ali frequentaram o Colégio São Luiz, inícios do séc. XX, mantido pelo sacerdote salesiano Pe. Nicolau Badariotti. Outra escola feminina, à época (também em inícios do séc. XX), onde estudaram várias jovens de nosso meio, era o da prof<sup>a</sup> Joana Baptista Rodrigues em Santa Rita (Ritápolis). Mesmo com a implantação do Grupo Escolar (hoje Escola Estadual "Afonso Pena Júnior") em 1927, com a ministração do ensino primário – antigas 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> séries – somente em 1958, a cidade contaria com o curso ginásial, 5<sup>a</sup> a 9<sup>a</sup> séries, mesmo assim uma iniciativa comunitária (ginásio da CNEG), o que fez com que muitas famílias persistissem, ao longo de décadas, em buscarem oportunidades educacionais e de trabalho para seus filhos em outras comunidades. Somente, a partir de 1978, com a chamada "extensão de séries" é que o Estado passou a assumir, integralmente, em nosso meio, os ensinamentos fundamental e médio, fazendo, com isso, desaparecer a escola cenequista local ou mesmo abortando iniciativas posteriores.

(3) Encontramos, nos registros do Major Marcos de Oliveira Braga (1874-1951), nosso avô materno, as seguintes anotações quanto às "despesas escolares dos filhos" Pág. 33: "S. Tiago – 28 de fevereiro de 1904 – Declaro que foi hoje minha

filha Maria Pia para a escola de D. Anna Virginia de Andrade, pagando eu 30:000 por mez; Março 27 – veio passear; Abril 10 – voltou; Maio 8 – dnr<sup>o</sup> por conta 100:000; Novembro 20 – veio hoje a Maria (Pia) da escola – férias 100:000; 1905 – Março 20 – voltou para a escola; Agosto 15 – dnr<sup>o</sup> por conta da escola 100:000; Novembro 15 – dnr<sup>o</sup> por saldo 140:000; Agosto 9, de 1906 – Foi hoje a Maria (Pia) para Tiradentes – paguei o 1<sup>o</sup> trimestre 90:000; Novembro 19 – despesas extraordinárias 54:300

Pág. 34 – 1908 Março 15 – Lage - Foi hoje o Vantuil para a Escola do Snr. Leonardo Francia, pagando 30:000 por mês; 1910 janeiro 29 – Foi hoje a Ignácia para a Escola do Snr. Leonardo Francia – dnr<sup>o</sup> por conta 100:000; 23 março – dnr<sup>o</sup> por conta 100:000; julho 9 – dnr<sup>o</sup> por conta 100:000; setembro 100:000; dezembro dei mais 160:000; Outubro 1<sup>o</sup> de 1911 – tirei hoje a Ignácia e paguei mais em dnr<sup>o</sup> 168:000; 1915 março 14 – Pago ao Snr. Leonardo Francia 138:000 – S. Rita - Dezembro 20 – anno de 1916 – despesas feitas com a Chiquita – 518:600; 1917 – Abril 14 – Dnr<sup>o</sup> a D. Joanna – 300:000; Dezembro – dnr<sup>o</sup> a D. Joanna 2.762:400

1918 – ensino da Carmem; Fevereiro 14 – Foi hoje a Carmem. Paguei o 1<sup>o</sup> trimestre 120:000; Junho 2<sup>o</sup> trimestre 120:000; Dezembro – pago a D<sup>a</sup> Joanna 241:000”

Por essas anotações, comprova-se que os filhos do Major Marcos Oliveira Braga estudaram em vários educandários da região – todos particulares – ou seja: São Tiago (Escola de D<sup>a</sup> Ana Virginia de Andrade), Resende Costa (Escola do Prof. Leonardo Frância), Tiradentes e Ritópolis (Escola da Prof<sup>a</sup> Joana Batista Rodrigues).

(4) A Prof<sup>a</sup> Maria Libânia da Silva c/c o também prof. João Francisco de Chantal, era oriunda de família de nosso meio, filha de Francisco Ribeiro da Silva e Maria Joaquina da Silva. Sabe-se, seguramente, que o casal Chantal teria vivido em São Tiago entre 1909 e 1912, tendo se mudado para Bonfim, portanto, em data de 16/02/1913, promoveram, a partir daquela cidade, uma procuração de habilitação ao inventário de Francisco Ribeiro da Silva (+ set/1912), seu pai e sogro, respectivamente, constituindo o Dr. Herculano Velloso como procurador(ver box neste boletim – FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA).

(5) O Colégio Nossa Senhora das Dores, fundado em 06 de janeiro de 1898 em São João Del-Rei pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (“Irmãs Vicentinas), foi uma grande e objetiva iniciativa de formação escolar, de escolarização regional, envolvendo metodologias de ensino e consolidação de avançados processos pedagógicos, ao lado da profissionalização do magistério público e privado e de outros agentes do ensino. Tudo em consonância com a normatização e legislação educacional (leis, decretos, normativos) que regulamentavam a instrução primária e o ensino normal, naquele período, em Minas Gerais. As irmãs educadoras tinham como lema: “Formar almas, plasmar corações, dirigir vontades”.

O ensino, naquele educandário, era voltado para a formação primária e secundária (ginasial) e o ensino normal, este com ênfase para a formação e qualificação profissional, ou seja a institucionalização de um projeto tido como inovador, científico de capacitação docente, com a missão de transmitir conhecimento às crianças e jovens do séc. XX.

Registre-se, ademais, a instituição, ainda em São João del-Rei, em 1909, do Colégio ou Ginásio Santo Antonio, sob a égide de franciscanos, voltado para a formação e educação de jovens do sexo masculino. Ambos os estabelecimentos - Colégio Nossa Senhora das Dores e Ginásio Santo Antonio – acolheriam vários(a)s jovens de nosso meio, a maioria em regime de internato, contribuindo, ao longo do século, para a constituição e o aprimoramento intelectual e profissional de nossas novas gerações.

(6) A implantação do sistema de grupo escolar na escola primária foi normatizada pela Lei n<sup>o</sup> 439, de 28/09/1906, no governo João Pinheiro, aliás a chamada “Reforma João Pinheiro”, que estabelecia em seu artigo 3<sup>o</sup> a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário no Estado.

(7) Segundo informações do historiador Vinicius Mata, a quem somos reconhecidos, D<sup>a</sup> Balbina Lina da Matta nasceu em Ibituruna em 1853, filha de Joaquim Viana de Souza e Lina Maria Viana. Casada com o sr. José Pedro da Matta (12/01/1840-16/02/1908). D<sup>a</sup> Balbina Lina da Matta faleceu na Fazenda da Lavrinha em 14/03/1834, sendo sepultada no Cemitério Paroquial de São Tiago. Sobre a tradicional família Mata, ver matéria em nosso boletim n<sup>o</sup> CIX, outubro/2016.

# FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA

Era filho do célebre Guarda Mór Antonio Ribeiro da Silva (+ 24/08/1863) e Constança Cândida de Jesus<sup>(1)</sup> Natural de Santa Rita do Rio Abaixo, onde nasceu em 1823. Foi casado em 1<sup>as</sup> núpcias com Ana Antonia de Resende (ele com 20, ela com 16 anos), cerimônia realizada na capela de São Tiago aos 18/06/1845, sendo testemunhas o Pe. Valentim Luiz Coelho e o Cap. Flávio José da Silva.

D<sup>a</sup> Ana Antonia era filha do cirurgião Tomás da Silva Fraga e Francisca de Paula Fortunata de Resende<sup>(2)</sup> D<sup>a</sup> Ana Antonia faleceu a 03/11/1904, conforme Inventário ano 1904, Cx. 645 Iphan/SDDR, aberto em 04/11/1904, sendo inventariante o marido Francisco Ribeiro da Silva e procurador seu filho Tomás Ribeiro da Silva. D<sup>a</sup> Ana Antonia era senhora de muitos bens, em especial terras, com o monte-mór de 61:855\$326; declarou, em seu testamento, ter três filhos vivos, a quem deixou “as outras partes” que formam as terças de seus bens: I – Tomás Ribeiro da Silva c/ 51 anos em 1904; II – Euzébio Ribeiro de Resende<sup>(3)</sup>; III – Maria Constança Guimarães c/c Francisco de Paula Rodrigues(Cel. Chico de Paula – 1849-1940). E os já falecidos, representados no inventário por seus filhos: IV – Francisco Ribeiro de Resende; V – Tereza Maria de Jesus; VI – Carlos Ribeiro da Silva (falecido em 19/11/1888, aos 26 anos, sepultado em Santa Rita do Rio Abaixo); VII – José Ribeiro da Silva (segundo o sr. Antonio Ribeiro Jackson, bisneto de Francisco Ribeiro da Silva, havia ainda outro irmão Romualdo, assassinado por escravos, no dia do casamento da irmã, Maria Constância com o Cel. Francisco de Paula Rodrigues) No inventário do marido, em 1912, aparecem mais 2 filhos: Joaquim Ribeiro de Resende e Antonio Ribeiro de Resende.

Joaquim Ribeiro da Silva casou-se, em 2<sup>as</sup> núpcias, com Maria Joaquina da Silva (segundo a oralidade, uma escrava concubina), tendo os filhos: José Joaquim da Silva; Joaquim José da Silva; Francisco Cipriano da Silva; Rafael Arcanjo da Silva; Cornélia Augusta de São José c/c Jesuino José da Matta; Ambrosina Cândida (Carolina) de Jesus c/c Rafael Gomes de Faria; Maria Izabel da Silva c/c Romualdo Augusto da Costa; Maria Libânia da Silva c/c o prof. João Francisco de Chantal; Ubalдина Maria da Trindade c/c Faustino José de Carvalho; Belarmina Cândida de Jesus c/c José Vicente da Costa. Francisco Ribeiro da Silva reconheceu ainda o filho Adolfo Ribeiro da Silva, filho de Felícia, instituindo-o também como herdeiro.

Faleceu em setembro de 1912, em Conceição da Barra, com testamento redigido na povoação de São Tiago aos 20/08/1908, na casa de José Joaquim Ferreira da Costa e que se acha arquivado no Iphan/SJDR, ano 1912, Cx. 667. Inventariante seu filho Tomás Ribeiro da Silva.

Nos registros paroquiais de terras (1854/1856) Francisco Ribeiro da Silva aparece como um dos maiores proprietários de terras de São Tiago.

## NOTAS

(1) O Guarda Mor Antonio Ribeiro da Silva era filho do Alferes Luiz Ribeiro da Silva e de D<sup>a</sup> Maria Joaquina Góes e Lara, esta da tradicional família “Pinto Góes e Lara” de nossa região e de ascendência bandeirante paulista.

(2) Tomás da Silva Fraga foi batizado aos 14/01/1771 na capela de Barroso, filho de Antonio da Silva Mattos (filho de Tomás e Valentina de Mattos) e Ana Francisca da Conceição (Projeto Compartilhar – João Francisco da Silva e Valentina de Mattos) Seu pai, Antonio da Silva Mattos era neto paterno de José de Torres e Teresa da Silva, e neto materno de Miguel Barbosa e Ursula Mendes.

Sua mãe, D<sup>a</sup> Ana Francisca da Conceição, batizada na matriz de Prados aos 02/12/1751, era filha de João Francisco da Silva e Francisca Teresa da Conceição. Enviuvando-se, D<sup>a</sup> Ana Francisca casou-se, em 2<sup>as</sup> núpcias, com Antonio Alvares Cur-sino de Azevedo.

Tomás da Silva Fraga casou-se aos 16/07/1804 na matriz de Prados com Francisca de Paula Fortunata de Resende, filha de João de Resende Figueira e sua 2<sup>a</sup> mulher Jo-ana Vicência de São José, neta paterna de Caetano Gomes Figueira e Teresa Maria de Jesus, neta materna de João Martins de Carvalho e Maria de São José (Família Rezende Costa). O casal Tomás da Silva Fraga e Francisca de Paula Fortunata, além de Ana Antonia de Jesus, teve mais dois filhos: I – Maria da Trindade Máxima de Resende, casada aos 20/09/1841 na igreja de Bom Sucesso com Antonio Ferreira Pacheco; II – Joana Vicência de São José, casada aos 18/11/1844, na igreja de São Tiago, com Manoel Machado de Miranda, ele com 25, ela 18 anos, sendo testemunhas o Cap. Flávio José da Silva e o Guarda Mór Antonio Ribeiro da Silva.

No Censo de 1831, termo de Prados, Tomás da Silva Fraga, branco, casado, 60 anos, aparece como chefe do fogo 60, mais 4 escravos.

(3) Eusébio Ribeiro de Resende nasceu na Fazenda Ponte de Tábuas, bem como seus irmãos Tomás Ribeiro e Maria Constância. Foi proprietário da Fazenda Barra do Rio do Peixe (Conceição da Barra). Ex-seminarista, com sólida formação cultural, tinha o sonho de educar os filhos, tendo vendido a fazenda para seu irmão Tomás Ribeiro da Silva e se mudado inicialmente para Nova Lima e posteriormente Sete Lagoas. Vários de seus filhos (homens) eram odontólogos como José Augusto, Pedro, Odilon, Antonio; outros filhos: João Resende (c/c Sinhá Lara), Conceição (alienada), Ana (c/c Dr. Odeto, delegado da Polícia Civil de S. Paulo) e ainda uma outra filha residente em Passa Tempo. (Informações do sr. Antonio Ribeiro Jackson)

# ALGUMAS NOTAS SOBRE SÃO TIAGO

- O Censo de 1826 da Vila de São José Del-Rei registrou para o termo de São Tiago uma população de 1073 pessoas, dentre homens, mulheres, livres e cativos.

(Fonte: Arquivo Público Mineiro PP 1/10 Cx 41 doc. 1).

- O Censo de 1831 apontou que São Tiago tinha 183 casas com uma população de 1154 almas, o que demonstra módica evolução demográfica e estagnado desenvolvimento local na primeira metade do séc. XIX.

- Antonio de Assis Martins, redator do “Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais” ano 1870 (Tipografia do Diário do Rio de Janeiro), assim descreve São Tiago:

“Compõe-se este povoado de 100 casas e 89 fazendas em que são cultivados o milho, feijão, arroz, cana, fumo, algodão e criado o gado vacum, cavalari, suíno e ovelhum; 16 indivíduos se empregam em diversos ofícios e artes mecânicas. Consome sal, fazendas, secos e molhados e o ferro no valor de 6 a 8:000\$ e exporta os gêneros que produz na importância de 10 a 11:000\$. Por ele passa a estrada que, da Capital segue para Bom Sucesso e Perdões e a que de São João vai para a cidade de Oliveira e os sertões de Goiás.

Em 1861 desabou o frontal da Igreja Matriz e foi necessário reconstruir toda a frente da igreja; até agora não se concluiu a obra por ter a fábrica ficado alcançado em 530\$430. Também ameaça ruir a sacristia e o pároco supõe que com 2:000\$ concluir-se-ia tudo. Os rendimentos da fábrica, incluídos os juros de duas apólices de dívida pública, dá atualmente uns 180\$000 reis, além de alfaias nada mais possui.

Dentro do povoado existe uma capela de Senhora do Rosário que ainda não está acabada e tem apenas os paramentos necessários para a missa” (op. cit. pp. 418/419)

(Nota: Vigário da época – Pe. Júlio José Ferreira).

- Há que se observar o decréscimo de casas entre os censos de 1826 e 1831 e o relacionado no “Almanak” em 1870. Note-se ainda que São Tiago era ponto de passagem e intersecção ou confluência de vários caminhos, daí receber elevado número de viajantes e transeuntes que aqui se abasteciam de água (havia grande número de fontes e minas urbanas), bem como de víveres, a fim de sequenciarem suas jornadas, sertões afora. A população aproveitava a produção – ovos, leite, polvilho, fubá, carnes – nas atividades culinárias (biscoitos, doces, carnes embutidas, licores) sortindo moradores e especialmente os viajantes.

# Dr. JOSÉ GAUDÊNCIO NETO

Nossa comunidade, orgulhosamente, reverencia os 120 anos de nascimento de um de seus maiores vultos e beneméritos: Dr. JOSÉ GAUDÊNCIO NETO, médico de hábitos simples, de espírito humanista e humanitário e que, embora oriundo de uma família tradicional, austera local, deixou, ao longo da vida, uma aura de generosidade, profissionalismo, benevolência e simplicidade.

Dr. NETO, como era chamado, nasceu aos 07/10/1896 na Fazenda do Fundo da Mata, em nosso município, propriedade de seus pais, sr. José Gaudêncio Júnior (“Juca Gaudêncio”) e D<sup>a</sup> Francisca Justina da Silva (“Dona Chiquinha”). Família numerosa, como era comum naqueles tempos.<sup>(1)</sup> Seus avós paternos foram José Gaudêncio de Souza e Maria das Dores Lara; Avós maternos: André Avelino dos Santos e Ermelinda Justina da Silva. Registrado no Cartório local dia 15/10/1896.

Dr. Neto, como tantos outros jovens locais à época, estudou no Colégio “São Luiz”, fundado e dirigido pelo sacerdote salesiano Pe. Nicolau Badariotti em Conceição da Barra de Minas, prestando os devidos exames em 1912 (*Fonte: Antonio Gaio Sobrinho – “Memórias de Conceição da Barra de Minas”, São João Del-Rei, 1990, p. 90*). Médico formado pela Escola de Medicina de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Para estudar na Capital, tinha que se deslocar a cavalo de São Tiago até a estação de Congo Fino, dali embarcando no trem. Atuou como médico residente em São Tiago até meados da década de 1930, quando, por razões pessoais, viu-se compelido a se mudar para São João Del-Rei. Aqui participou de grandes e memoráveis iniciativas sociais e médicas, dentre elas os esforços, já nas décadas de 1920/1930, em prol da fundação do Hospital São Vicente de Paulo; a campanha profilática de erradicação de graves focos de hanseníase em nosso município (décadas de 1930/1940); ações, conjuntamente com a abnegada esposa, D<sup>a</sup> Maria, de levantamento de recursos e apoio às vocações sacerdotais, auxiliando muito de nossos jovens, futuros sacerdotes, dentre eles Pe. Tiago de Almeida e Pe. Geraldo Pompeu de Campos, em seus estudos e em sua manutenção nos seminários.

Dr. Neto foi casado com D<sup>a</sup> Maria de Campos Gaudêncio, irmã do Revm<sup>o</sup> Pe. Geraldo Pompeu de Campos. Filha a sra. Edith Lara, casada com o sr. Nege Além, ex-combatente, autor do livro “Mágoa de Convocado”, e residentes em São João da Boa Vista, SP.

Dr. Neto era dotado de elevado espírito altruísta, generoso, caritativo, não cobrando as consultas e quando o fazia, fixava preços módicos, quase simbólicos, o que o levou a ser chamado carinhosamente de “médico dos pobres”. Sempre de bom humor, tranquilo, era visto caminhando pelas ruas de São João Del-Rei, modestamente vestido, pasta à mão, visitando os pacientes em domicílio ou nos leitos dos hospitais locais. Visitava frequentemente São Tiago, a chamado ou espontaneamente, muito servindo à população local e todos quantos o procuravam em São João Del Rei eram excepcionalmente atendidos, chegando mesmo a acolher, pacientes e/ou familiares em sua residência, enquanto se processava o tratamento médico ou convalescença. Sepultado em São João da Boa Vista, em companhia da filha Edith, onde passou a residir, após o falecimento de sua esposa.

Dr. José Gaudêncio Neto é reverenciado pela comunidade local, sendo o patrono da cadeira nº 01 do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, cuja titular é a sra. Adriana de Paula Sampaio Martins.



**NOTAS**

(1) Irmãos de Dr. José Gaudêncio Neto, todos já falecidos: I – Dr. João Gaudêncio, médico cirurgião em São João Del-Rei; II – Manoel Gaudêncio de Sousa (“Lilito”); III – José Batista Gaudêncio (“Macarrão”); IV – André Gaudêncio, falecido jovem, vítima de tuberculose; V – Maria das Dores Gaudêncio (Irmã Maria de Santa Adelaide), religiosa/freira da Congregação Carmelita; VI – Maria José do Sagrado Coração de Jesus (“Nhanhá”), casada com o sr. João Evangelista de Campos (“Janjão”); VII – Ermelina Justina da Silva (“Sinhá”), casada com o sr. João Justiniano de Carvalho (“João Farinha” – falecido brutalmente em 18/04/1934); VIII – Ermínia Gaudêncio, casada com o sr. José Pompeu de Campos; IX – Francisca Gaudêncio da Silva (“Chiquita”), residente em Goiás; X – Clara Gaudêncio Caputo, casada com o sr. João Evangelista Caputo; XI – Áurea Gaudêncio de Morais, casada com o sr. Sebastião Morais, residentes em Divinópolis.

**Dr. SAULO EDUARDO  
DE CASTRO VIEIRA**

**Graduação**

Nossos efusivos cumprimentos ao jovem são-tia-guense Dr. Saulo Eduardo de Castro Vieira pelo brilhante trabalho final de graduação “De volta para casa – memória e projeto em São Tiago, Minas” por ele apresentado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo-USP, em dezembro de 2016, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina Leitão.

O trabalho enfoca aspectos memorialísticos e arquitetônicos de nossa cidade, sob os ângulos: I – São Tiago, caminhos – Inserção regional – a terra do café com biscoito; II – Cidade e memória – tempos, formas, histórias – séculos 18 e 19 – a cidade colonial; século 20 – primeiras modernizações; século 21 – crescimento anárquico; III – Explorações territoriais – município – cidade – bairro; IV – Reflexões Projetuais – Diário de viagem – a quarta camada” Um trabalho substancial, de altíssimo nível, de fôlego e poesia, que enaltece, sobremaneira, nossa cultura, nossa comunidade e a ser assimilado, por todos nós, em especial autoridades e profissionais do ramo, prezando pela harmonia arquitetônica e urbanística da cidade.

## MÃE TERRA

Letra e música: Mário Ribeiro

Mãe terra / Que tempo tão ruim  
Quem te viu quem te vê / Sabe que não era assim

Mãe terra / Agora o tempo tá mudado  
A natureza se revolta / O homem é o culpado

Mãe terra / Sabe que não era assim  
Se o homem não parar / Breve chegará o fim

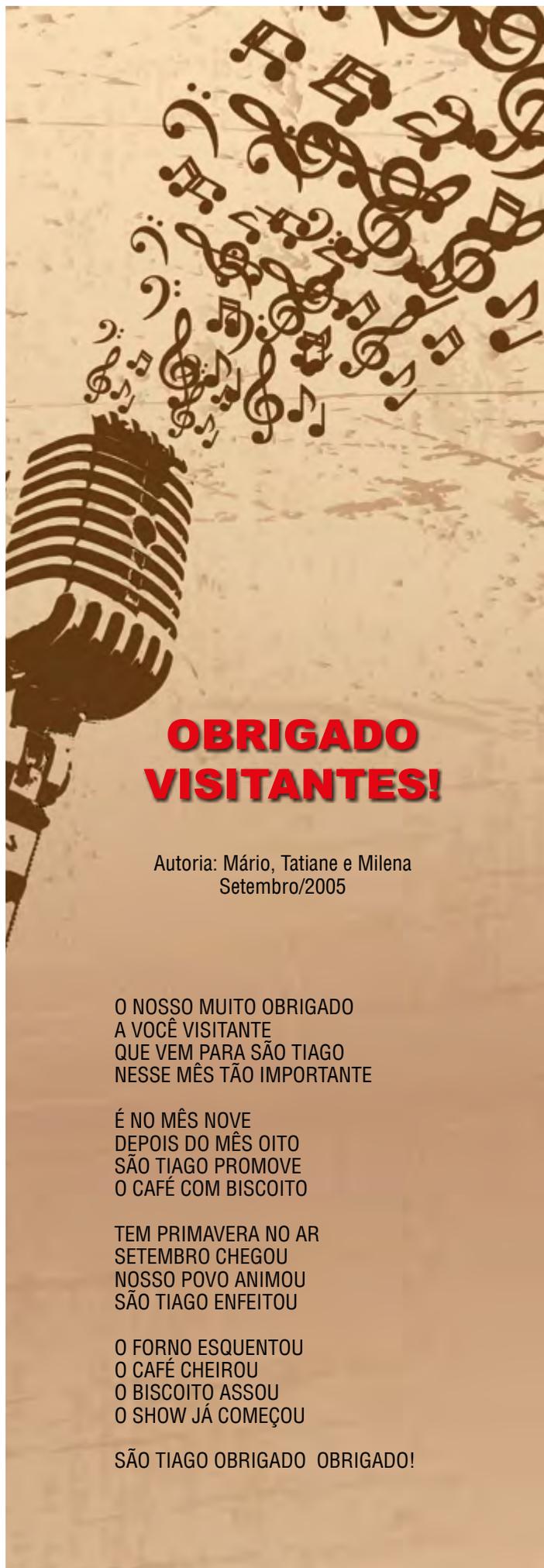
Pra que tanta ganância  
Tanta destruição  
Pra que tanta queimada  
Tanta poluição

Mãe terra / Te maltratam por dinheiro  
Todo dia o dia inteiro / Sem ter respeito algum

Mãe Terra / Te maltratam por dinheiro  
Todo dia o dia inteiro / Vida ao meu planeta azul

Se há uma floresta  
Alguém tem que derrubar  
Se passa um rio ali  
Vida não existe lá  
Se voa um passarinho  
Já não pode mais voar  
Respeito não há  
Com a terra, a água e o ar

Agora chega de destruição  
Agora chega, pois no futuro não terão  
Outono, inverno  
Primavera e verão



## OBRIGADO VISITANTES!

Autoria: Mário, Tatiane e Milena  
Setembro/2005

O NOSSO MUITO OBRIGADO  
A VOCÊ VISITANTE  
QUE VEM PARA SÃO TIAGO  
NESSE MÊS TÃO IMPORTANTE

É NO MÊS NOVE  
DEPOIS DO MÊS OITO  
SÃO TIAGO PROMOVE  
O CAFÉ COM BISCOITO

TEM PRIMAVERA NO AR  
SETEMBRO CHEGOU  
NOSSO POVO ANIMOU  
SÃO TIAGO ENFEITOU

O FORNO ESQUENTOU  
O CAFÉ CHEIROU  
O BISCOITO ASSOU  
O SHOW JÁ COMEÇOU

SÃO TIAGO OBRIGADO OBRIGADO!

## SÃO TIAGO em 1º lugar

Letra e música: Mário Ribeiro

Em cada verso que cantar  
Minha cidade eu quero exaltar  
Há tantos lugares no mundo  
São Tiago em 1º lugar

Neste caminho do céu eu nasci  
Em São Tiago me sinto feliz

Sempre me orgulho de te amar  
Onde for eu quero voltar  
É aqui que eu vivo com alegria  
E renovo minha energia

Energia paz e amizade  
Calor humano e tranquilidade

SOLO

Sempre me orgulho de te amar  
Onde for eu quero voltar  
É aqui que eu vivo com alegria  
E renovo minha energia

Neste cantinho do céu eu nasci  
Em São Tiago me sinto feliz

Sempre me orgulho de cantar  
São Tiago em 1º lugar

Sempre me orgulho de te amar  
Onde for eu quero voltar

designed by 

## Hino do Tupinambás Futebol Clube

Autor: Mário Ribeiro (Torcedor e jogador)

Letra composta por ocasião  
do Tupinambás campeão  
regional na cidade de  
Ritópolis em 30/10/1995

Vou contar para vocês  
Pela centésima vez  
Hoje com grande emoção  
Tupinambás sagrou-se campeão

Nos gramados de São Tiago  
E de toda região  
Jogando sempre com raça  
Jogando com determinação

Time de grandes vitórias  
Time de tradição  
Vermelho e branco palpita  
As batidas do meu coração

\* Vermelho e branco eu sou  
Cada vez mais  
O que me enobrece  
É que sempre serei Tupinambás / Até morrer, até morrer  
\* Vermelho e branco eu sou  
Cada vez mais  
O que me enobrece  
Até morrer, serei Tupinambás

Tupi, Tupinambás  
Tupi, Tupinambás  
Prá onde você for  
Cantando iremos atrás

2 vezes  
Tupi, Tupi, Tupi  
Do meu coração  
Tupi, Tupi, Tupi  
Sempre campeão





# LINHAS DO PASSADO

A luz chega-lhe agora um tanto quanto opaca, turva aos olhos. O glaucoma obscurecera-lhe gradualmente a visão e ali sentada no velho canapé da humilde residência, tinha, há anos, como companheiras e confidentes a aproximada velhice, a semicegueira, lembranças - linhas e agulhas do gasto, tricotado tempo.

Desliza lenta, quase que imperceptivelmente, os dedos sobre frágil peça de lã, comprimindo-a entre as mãos esqueléticas, aconchegando-a, a seguir, ao rosto. Fluem-lhe recordações ante o toque, ora anestesizador, ora eruptivo daquela peça, a qual se tornara com o tempo, o seu bálsamo, o seu recanto de mulher, um dia, tão amada, tão desejada. Era sua forma de acariciar, de perpetuar um memorável - e para ela, sublimado, segredado - momento do passado. Dedilhava, assim a sós, um velho cachecol. Um fetiche. Um totem. Uma relíquia - síntese terna, dorida de toda uma áspera vida.

As imagens permanecem cálidas, à flor da pele, coração ainda batendo, brasas vivas, agasalhadas sob o carvão da antiga e ainda pulsante paixão. Fora, sim, uma bela jovem, uma mulher suspirada por muitos. Nasceria em lar de lavradores e artesãos aí pelos fins da década de 1940 - gente pobre, trabalhadora, batalhadora pelo pão de cada dia a sustentar a penca de filhos. Época em que a cidade, então arraial, não oferecia trabalho suficiente aos seus moradores, mal para uma parca subsistência, quando não as raias da miséria.

Os pais, lembra-se bem, pessoas boas, mas secas no tratamento com os filhos. Algumas vezes, rispídos. Crescera assim carente, frágil como uma ave em meio à intempérie. Não tivera uma educação convencional, pois pouco frequentara a escola. Aprendera alguma coisa - um soletrar, o rabiscar o nome, uma conta de somar - mais por iniciativa própria, na escola da vida. Nenhum brinquedo de loja, nenhuma roupa de moda ou grife, nenhum perfume desses que via nas vitrines de comércio ou na propaganda de rádio ou embebedando o corpo de outras mulheres ricas e elegantes e que atravessavam por ela, por vezes, pelas ruas; um calçado sequer, até que passara a trabalhar em residências chiques da cidade. Com algum trocado (o grosso do contado salário ajudava nas despesas da casa), pode satisfazer, já mocinha, algum desejo natural de jovem bonita, vaidosa, cortejada.

Ouvira falar dele por vizinhos. Sua estrela brilhava, então, fortemente nas rodas. Jovem, dinâmico, de tradicional família, bem apessoado, culto e que passara a administrar alta instituição da comunidade. Um dos irmãos dela, rememorava, funcionário da empresa, passara a trabalhar diretamente com o novo chefe. Morando ela, à época, sob o mesmo teto do irmão operário, esse sempre trazia notícias elogiosas e enaltecidas do administrador. "Homem operoso, reservado, refinado no trato com os subalternos. Exigente, porém muito coloquial, respeitoso", informava o irmão.

Certo dia, seu irmão chega em casa, acompanhado do chefe. Surpresa, viu-se cumprimentada de forma suave, respeitosa, algo que jamais recebera na vida... Elogiou-a deveras, olhou-a fundamente. Viu-se, num momento, envolvida por um halo de vigor, de ternura, de

um sentimento de enlevo jamais acalentado. Vê-lo, ouvi-lo, a partir daquele dia, era-lhe um prazer, um requinte, quase que um alimento, um unguento para o coração de mulher sonhadora.

Como as coisas aconteceram, não se lembrava de forma precisa. Frequentemente, a miúde, lá aparecia o chefe, o superior do irmão - com desculpas de procurar o seu funcionário ou para dar-lhe algumas atividades extras. Passou a entrar, aceitar o convite para "esperar o irmão" que tinha saído um pouquinho. Cafezinho, a prosa na cozinha. Olhares, cumprimentos afetuosos, abraços que se alongavam e se estreitavam a cada vez, elogios... Até que se viram enleados, fundidos... Com o pretexto do "irmão", que, de regra, estava no trabalho ou em bares, quando de folga, as visitas se ampliaram. E as coisas aconteceram. Para justificar em casa, alegava ele viagens a serviço, saindo pela madrugada ou contratempos administrativos. Na verdade, encontros, idílios, encantos a dois...

Sob seus fortes e perfumados braços, sob o seu olhar indulgente, fora amada, tratada com respeito, dignificada. Era ele realmente diferente. Não como outros homens que usam a mulher como objeto ou a própria sociedade que desconsidera, por vezes, os sentimentos, carências e aspirações femininas. Entregara-se a ele com todas as armas do desejo, sem censuras e clausuras. Junto dele, laços invisíveis envolviam-lhes os corpos e corações e ela sentia-se livre como uma ave pelos ares, como um peixe movendo-se ágil, inebriado em águas de volúpias, internadas núpcias.

Até que, certa feita, esquecera ele o cachecol em sua casa e que ela ainda conservava zelosamente, amorosamente. E que ali estava, no envolto de suas mãos. O irmão, cúmplice da história, num dia de muito frio, passou a utilizar a peça, dispondo, com isso, um trunfo na mão, no perigoso jogo da cumplicidade e da chantagem. O irmão, que gostava muito de uns goles e pouco do batente, passara a se valer da situação, pouco produzindo em serviço e intimidando, quando admoestado, o chefe. Esse passou a rarear as visitas e com o término de sua gestão à frente da empresa, ganhara outros ares, definhando-se o romance.

Não sabia ela como o affair não tivera maior repercussão ou chegasse ao pleno conhecimento público, à época. Comentários apenas entredentes, por insinuações, ecos pelas grotas e gotejamentos do tempo. Ficara livre do julgamento, da condenação e do justicamento por parte de pessoas, muitas delas crápulas, que se escondem no anonimato das rodinhas e botecos, cuidando irresponsavelmente da honra alheia, esquecendo-se de seus próprios detritos pessoais. A esposa dele parece ter desconfiado, tanto assim que o amado se distanciara durante certos interstícios, até o doloroso cilício do rompimento ou esquecimento final.

Tivera ela outros amores, tantas tribulações. De seu especial romance, de sua aventura de jovem sedutora e seduzida, ficaram lembranças, de que o velho cachecol de lã era testemunha, ali perpetuado, cuidado com total enlevo, dentre os reflexivos dedos...